

decorava e declamava o saboroso *Beatus ille qui procul negotiis...* Pena que hoje seja tão reduzido o número de apreciadores, pelo menos entre nós, dessas jóias da literatura latina.

Bruno Fregni Bassetto

* *
*

FIPF (Fédération Internationale des Professeurs de Français) *Littératures de langue française hors de France. Anthologie Didactique*. Sèvres (França), 1976, 704 p.

Esta Antologia constitui o resultado de um árduo trabalho de discussão, planejamento e execução realizado, num período aproximado de cinco anos, por uma equipe internacional de professores e especialistas ligados à Federação Internacional dos Professores de Francês. O historial do empreendimento bem como suas causas, objetivos e características vêm expostos na Introdução assinada por L. Philippart, professor belga há pouco falecido e então presidente da referida entidade.

Trata-se ao mesmo tempo de um livro de leitura e de um instrumento de trabalho, que levará “as gerações emergentes a descobrirem tanto a unidade e plasticidade da língua francesa quanto a pluralidade e originalidade das culturas ilustradas pelas obras mais representativas destas literaturas.” (p. 7). Culturas as mais variadas pois, pela primeira vez, aborda-se o conjunto das literaturas de expressão francesa; o que vem de certo modo completar antologias anteriores, como a do poeta-presidente senegalense Léopold Sédar Senghor, de 1948, *Anthologie de la Nouvelle Poésie Noire de Langue Française*, prefaciada por Jean-Paul Sartre.

O público visado abrange, na França e em países de expressão francesa, estudantes e professores das Faculdades de Letras e das últimas séries da escola secundária. No caso dos demais países estrangeiros, os departamentos e centros de estudos franceses poderão tirar grande proveito desta publicação. Que deverá aliás interessar também a outros setores das ciências humanas assim como aos intelectuais de um modo geral. Para nosso Centro de Estudos Franceses, que pretende acrescentar as suas atividades cursos de literatura francesa não metropolitana, a Antologia da FIPF aparece desde já como uma preciosa fonte de documentação. Acreditamos que setores como as demais letras, a sociologia, os estudos africanos, árabes etc. venham igualmente a manuseá-la com interesse.

O volume de 704 páginas está dividido em 9 *seções*, assim distribuídas por ordem alfabética: I- *Africa Negra, Madagascar, Ilha Maurício*; II- *Antilhas*:

Haiti, Guadalupe; Guiana e Louisiana; III- Bélgica; IV- Líbano; V- Luxemburgo; VI- Maghreb (Argélia, Marrocos e Tunísia); VII- Quebec; VIII- Suíça Romanda; e, IX- Vietnã.

Cada uma destas nove partes comporta uma introdução que resume em poucas páginas a história cultural e literária da região enfocada. Uma apresentação bio-bibliográfica situa os escritores, que são dispostos em ordem cronológica. Os textos escolhidos pertencem quase sempre ao período compreendido entre a segunda metade do século XIX e os dias atuais; eles foram escolhidos tanto quanto possível em função de sua “significação humana” e sua “representatividade quanto aos gêneros, escolas e tendências que caracterizam a literatura viva de cada uma das comunidades” (p.9). As notas de rodapé auxiliam a compreensão de fatos linguísticos e de cultura, abstendo-se de comentários de ordem estético-literária. No final do volume, 9 quadros sinóticos recapitulam os principais acontecimentos políticos, econômicos, sociais, literários e culturais referentes a cada zona recenseada.

Não cabe detalhar, no curto espaço de uma resenha, cada uma das 9 seções e tentar defini-las em suas peculiaridades. O mundo da *francofonia* é tão amplo, variado e complexo, que não se pode sintetizá-lo em poucas linhas. Seguem-se apenas algumas observações que surgiram ao longo de uma leitura curiosa e atenta, mas não ainda científica.

Sobre a primeira seção, *Africa Negra*. ., o leitor obterá mais pormenores em nossa resenha de *La Littérature Nègre*, de Jacques Chevrier (in *Lingua e Literatura* n.º 5) Assinale--se contudo, aqui na Antologia da FIPF, entre outras belas amostras da literatura negro-africana, o longo excerto de *Négritude et humanisme* (p. 49-55) em que Senghor com “clareza cartesiana” (se o uso da expressão ainda é permitido!) as três características básicas da arte e da literatura negras.

Qual outro texto poderia melhor ilustrar o drama do povo das Antilhas do que estes três versos do haitiano Léon Laleau:

“Et ce désespoir à nul autre égal,
D’apprivoiser, avec des mots de France,
Ce coeur qui m’est venu du Sénégal?” (p. 165)

Mais próximo ainda de nossa própria fronteiras, o guianense Léon-Gontran Damas, descendente de uma família em cujas origens se mesclam as hereditariedades indígenas, africana e branca, também ritmou com maestria um profundo sofrimento, que não é seu apenas mas de toda uma raça:

“Nous les gueux
nous les peu

nous les rien
nous les maigres
nous les maigres
nous les Nègres
... ..” (p. 189)

É curioso, se não surpreendente, deparar ainda nesta seção II da Antologia, com um capítulo reservado à Louisiana, possessão francesa nos Estados Unidos até 1763. Durante o século XIX, em particular na época do romantismo europeu, nela se desenvolveu uma literatura de expressão francesa, representada sobretudo pelos irmãos Dominique e Adrien Rouquette. Esta literatura franco-louisiana reveste-se todavia de interesse meramente histórico, tendo se extinguido por volta de 1900.

A seção III (Bélgica) reaviva nomes já conhecidos no âmbito dos estudos literários puramente franceses: os simbolistas Verhaeren e Maeterlinck e os modernos Henri Michaux, Georges Simenon, Françoise Mallet-Joris. Michaux goza do bom conceito que todos conhecem; Simenon porém, o homem que renovou o romance policial, é “o mais fecundo dos romancistas de língua francesa”, autor de mais de 250 obras, “traduzido em quase todas as línguas”. (p. 296)

“A literatura libanesa de expressão francesa nasceu, mais que de qualquer necessidade, de um amor: o da língua francesa justamente”, afirma Salah Stétié, poeta e diplomata libanês que reside em Paris (p. 321). Dos autores citados nesta seção IV, três pelo menos já conseguiram se projetar como representantes desta literatura: Farjallah Haik, Andrée Chedid e Georges Schéhadé. (Este último é atualmente alvo de pesquisas de uma de nossas orientadas em Pós-graduação).

Embora se encontre em relação à França numa situação geográfica similar às da Bélgica e da Suíça, o Grão-Ducado de Luxemburgo não alinha entre seus intelectuais francófilos nomes muito conhecidos. Os textos propostos pela Antologia (seção V, p. 346-356) mostram porém que merecem ser lidos e estudados escritores como Paul Palgen, Joseph Leydenbach, Edmond Dune, Rosemarie Kieffer, esta aliás autora da introdução histórica à seção.

O estudo introdutório que precede a seção VI (Maghreb) estabelece por sua vez distinções bem nítidas não apenas entre uma literatura magrebina escrita em língua árabe e uma literatura magrebina de expressão francesa, mas também entre a literatura francesa escrita por tunisinos, argelinos e marroquinos e a escrita por franceses nascidos no Maghreb. Por isso são excluídos escritores como Camus, Roblès e outros, sendo retidos apenas autores nativos do Maghreb, os únicos capacitados a exprimir em língua francesa “o canto profundo do povo árabe-berbere” (p. 360). Dos 16 citados, 9 representam a Argélia, 6 o Marrocos e 1 a Tunísia. A um leitor estrangeiro afeito às letras francesas não são de todo

estranhos nomes como os de Jean Amrouche, Mouloud Feraoun, Kateb Yacine (argelinos) e Mohammed Dib, Abdelkébir Khatibi ou Tahar Ben Jelloun (marroquinos)

Menos traumatizada pelo domínio colonial francês — vestígio de um passado já distante — a província canadense do Quebec (seção VI) considera o francês não como signo do colonialismo mas antes como “língua de tradição histórica, de elo temporal, de aprendizagem coletiva e de evolução nacional” (p. 429), ou ainda como veículo da literatura de “um povo em eterno exílio”, povo que se auto-denomina às vezes “negros-brancos da América” (p. 435). Das mais extensas da Antologia, esta seção oferece numerosos textos que começam com a relação de viagem do descobridor Jacques Cartier e terminam por escritores modernos. Vale apenas apreciar, entre outros, os poemas: *Soir d'hiver*, de Nelligan (p. 446); *Mon pays*, de Vigneault (p. 476) e o comovente *Speak white*, da reivindicativa Michèle Lalonde (p. 508). E lembremos, apenas para dar o tom, a estrofe obsessiva do canto de Vigneault:

“Mon pays ce n'est pas un pays c'est l'hiver
Mon jardin ce n'est pas un jardin c'est la plaine
Mon chemin ce n'est pas un chemin c'est la neige
Mon pays ce n'est pas un pays c'est l'hiver” (p. 476)

Um texto em francês antigo onde se fala dos índios do Brasil, dissertações sobre a escola, a Europa e as culturas nacionais, a especificidade da literatura suíça, a crítica literária etc., além de excertos propriamente literários de autores como Ramuz, Cendrars, Jacques Chessex, tudo isso fornece uma amostra do vasto material reunido na seção VIII (Suíça romanda), sobre a qual se projeta vez por outra a sombra de Jean-Jacques Rousseau, o grande filho de Genebra, ilustre filósofo das Luzes.

Introduzida no Vietnã a partir da colonização, que data de meados do século passado, a língua francesa deu origem a uma literatura que subsiste até agora. Mas, acrescentando o autor da introdução à seção IX, “a adoção da língua francesa é para a maioria de nossos escritores menos uma escolha definitiva e exclusiva em detrimento da língua materna do que um meio de expressão literária capaz de atingir um público internacional” (p. 640). Também esta seção encerra trechos de autores cujos nomes ressoam estranhamente em ouvidos habituados aos Dupont ou Durand: Pierre Dô Dính, Pham Duy Khiêm, Cung Gú-Nguyên, Pham Van Ky.

Uma preocupação latente aflora por momentos ao longo desta volumosa Antologia: a situação da língua francesa nos diferentes cantos do mundo. Situação instável, que não pode deixar de nos afligir. A recepção local ao idioma de Molière oscila dentro de uma vasta escala cujos extremos parecem ser o “amor” do libanês e um certo desafeto, do magrebino. Que destino está reser-

vado a esta presença do francês fora da França? O futuro o dirá. Mas se tudo depender da vontade dos professores por toda parte esta presença se fará sentir ainda muito tempo. Foi o que demonstrou o recente Congresso da Association des Universités Partiellement ou Entièrement de Langue Française — AUPELF — que reuniu em julho deste ano, na cidade de Estrasburgo, cerca de 800 professores de francês, representando 98 países.

Alem de amparar este professorado esperançoso, a Antologia da FIPF prestará serviços a todo e qualquer intelectual desejoso de conhecer diferentes culturas do mundo atual e deverá sem dúvida alguma, como o deseja seu prefaciador, “suscitar o prazer da literatura, a curiosidade pelo testemunho e o interesse pela pesquisa” (p. 9).

Italo Caroni

* *
*

CINTRA, Luís F. L. — *Sobre “formas de tratamento” na Língua portuguesa*: Lisboa, Livros Horizonte, 1972. 138 p.

O livro pode dividir-se em três partes.

A primeira, intitulada “Origens do sistema de formas de tratamento no português atual”, reproduz o texto de uma conferência proferida no Centro Nacional de Cultura em maio de 1966 e será seguida, como promete o A. em nota, de obra mais vasta, já em preparação.

O A. começa por referir-se à estranheza dos falantes de outras línguas europeias ante a complexidade do sistema de formas de tratamento no português contemporâneo de além-mar. Na análise dessa complexidade, tenta apresentar, “em forma esquemática e reduzindo-o a tipos fundamentais, o conjunto de formas que se usam atualmente na alocação ou tratamento direto” restringindo o seu campo de observação à linguagem das camadas cultas ou semicultas das grandes cidades de Portugal. Distingue três tipos de tratamento: o *pronominal* (*tu, você, vocês, V. Ex. a, V. Ex. as*), o *nominal* (a) *o senhor, a senhora, os senhores, asse nhoras*; b) *o senhor Dr., o senhor Ministro*; c) *o pai, a mãe, o avô*; d) *o Antônio, a Maria*; e) *o meu amigo, o patrão, etc.*) e o *verbal*, expresso pela desinência. Nota certas diferenças de valor entre os três tipos e duas características do sistema: a extraordinária variedade e frequência de emprego do tratamento do tipo nominal e a sua estruturação, que supõe, pelo menos no singular, três planos, a que corresponde a oposição entre *tu, você e V. Ex. a, o senhor Dr., o Antônio, a Maria, o Sr. Antônio, a Sr. a Maria, a D. Maria, etc.*,